

Conversações do VIII ENAPOL

ASSUNTOS DE FAMÍLIA, seus enredos na prática

Buenos Aires • Setembro 2017

6. As famílias e as instituições educativas

Responsável NEL: Beatriz García Moreno

Participantes: Martha Aguirre, Bernardo Cabezas, Jaime Castro, María del Carmen García, Erendira Molina, Piedad Ortega de Spurrier, María Solita Quijano, Alejandrina Rojas

A psicanálise nos interstícios entre a família e as instituições educativas

Apoiados no discurso da psicanálise, nós os participantes da conversação sobre Família e Instituições Educativas buscamos caracterizar algumas das modalidades de interação e interseção de ambas instituições na atualidade, indicar nesses encontros e/ou desencontros alguns sintomas contemporâneos e analisar possibilidades de intervenção da psicanálise.

Consideramos como pontos de partida:

- A família e as instituições educativas são instituições que se adaptam de acordo com o momento histórico. Na atualidade, família e instituições educativas compartilham a formação da criança e do adolescente. As duas caminham lado a lado e se interseccionam desde a mais tenra infância do ser falante até a sua adolescência que, hoje, estende-se até o nível universitário. Esta interseção ocorre em meio a acordos, desacordos e impossibilidades. Entre seres falantes, não está isenta de mal-entendidos.

- Cada uma destas instituições desempenha uma função particular nessa formação. Na família, mediante as funções maternas e paternas, o ser falante é marcado com o gozo que define a sua singularidade, e se constitui o desejo que lhe orienta para o seu desempenho no ambiente social. Na instituição escolar se oferecem os caminhos para a sublimação que orienta o desejo e regula o gozo. Em alguns casos, funciona como um lugar onde o infante ou adolescente pode tomar a palavra e situar algo do seu gozo, e encontrar em uma contingência a alguém, professor, psicólogo ou outro adulto, que lhe abra os caminhos para orientar o seu desejo.

- Esta distinção entre família e instituição escolar é cada dia mais difusa, devido à queda do discurso do amo e senhor relacionado ao Nome-do-Pai, que dominava a escola, e à expansão do discurso universitário não só no ambiente escolar, mas também na intimidade dos lares [Indart, 2009]. Evidência disto é o abandono, por parte dos pais, do seu lugar como transmissores da lei e orientadores, para assumir, em muitos casos, um papel similar ao do professor avaliador.

- Hoje existem diversos desajustes na interseção entre família e instituições educativas, por não poder a segunda responder às exigências da primeira a respeito da formação da criança e do adolescente, que acaba se tornando um sintoma de ambas. Estas exigências têm em comum os ideais relacionados à felicidade e ao sucesso em um tempo imediato, sem maiores esforços ou frustrações. A impossibilidade de responder à exigência cria uma dinâmica de assumir e delegar que rebaixa a função particular de cada uma sem que, ao final, qualquer uma delas consiga organizar os seus resultados.

A família, suas funções e a instituição escolar

Na atualidade, fatores como o declínio do Nome-do-Pai, a entrada massiva de mulheres na força de trabalho e na esfera pública em geral, provocaram uma mudança na família patriarcal e em outros tipos de família, assim como a tomada, por parte da esfera pública e especialmente das instituições educativas, de muitas das funções que antes eram exercidas no ambiente privado familiar.

A psicanálise propõe que apesar da família ser uma instituição cultural que variou ao longo dos diversos períodos históricos, sua posição vai além disso, pois é no seu seio em que se constituem as relações psíquicas do indivíduo, em uma lógica determinada pelo inconsciente e constituída por um real inamovível. Jacques Lacan em uma de suas primeiras obras “Os complexos familiares e sua incidência na formação do indivíduo” [1938] parte do reconhecimento da família como uma instituição ancorada na ordem social e simbólica, mas esclarece que, diferente da ordem animal, na família humana a ordem instintual é atravessada pela cultura, e que os instintos são sempre atravessados pela linguagem que ineludivelmente

marca o corpo de modo singular e possibilita a existência de diferentes gozos e, portanto, abre a possibilidade a diversos tipos de família, como ilustra a nossa própria atualidade.

É função da família a inscrição dos sujeitos que nela são produzidos, tanto no simbólico como na herança psicológica aludida por Lacan. Para explicar esta inscrição, Lacan lança mão do conceito de complexo em sua dimensão inconsciente, e diz que é um organizador do sistema psíquico no qual intervêm conhecimento, imago e representação. No processo de constituição subjetiva, Lacan distingue três complexos, nos quais intervêm o pai, a mãe e o filho de diversas maneiras.

O complexo de **desmame**, que é o primeiro que se desenvolve, situa-o nos seis primeiros meses de vida e o relaciona à perda irrecuperável do habitar intrauterino que é seguida de um desajuste entre o mundo exterior e a prematuração orgânica. Neste período o corpo está fragmentado, afetado pela relação com o mundo e, logo dirá, com a linguagem e a palavra. Deste complexo resulta a busca permanente daquilo que se perdeu, que sugere um primeiro encontro com o real. O infante nestes primeiros meses, além de habitar em uma linguagem, habita no desejo da mãe, é o seu desejo-falo, ocupa o lugar do objeto *a* que a completa, singularizado pelo gozo que sempre o acompanhará.

O segundo complexo é o de **intrusão**, que Lacan situa entre os seis meses e os três anos e relacionada ao estágio do espelho, ao encontro da criança com sua imagem mediada pelo reconhecimento do Outro, à alegria do encontro com a unidade do corpo que essa imagem produz, e a abertura à intrusão do “outro refletido” que é intermediário do outro semelhante, cujo efeito é uma identificação confusa. Um objeto interposto entre ambos suscita a pergunta: é meu, ou seu? É o momento em que se constituem os ciúmes entre os dois polos do imaginário, a fascinação e a rivalidade.

A entrada precoce à instituição escolar, unida à desapareção da família numerosa, faz com que na atualidade a escola seja um lugar fecundo para o encontro com esse outro semelhante e que este complexo se desdobre amplamente. É frequente escutar que a criança ou o adolescente só pode falar do seu gozo através do gozo do outro, nesta insistência sobre aquilo que incomoda o outro, que o invade ou persegue. Só quando o vive em si mesmo é que se dissolve a rivalidade imaginária.

O terceiro complexo é o de **Édipo**, em que Lacan, seguindo a Freud, propõe a entrada em cena do Nome-do-Pai como uma metáfora do desejo da mãe, com funções relacionadas à proibição

do objeto mãe, a modo de superego, mas também como orientador do desejo no caminho do Ideal que abre em direção à sublimação. Notemos que, nesse texto, já se indica o declínio do Nome-do-Pai, característico da atualidade, o que implica em que a família acuda à escola em busca da lei que regule o gozo do infante, provendo-o de um ideal que oriente seu desejo.

Esta exigência não significa o avanço da família à escola em busca de um pai eficiente, mas é um exemplo da integração, na família, da lógica da escola dominada pelo discurso universitário [Indart, 2009], de modo que o pai foi movido para o lugar do professor. Consequentemente, mais que um substituto do pai, esta exigência pode ser entendida como a busca por um melhor educador. Posição à qual acudirão posteriormente uma ampla gama de especialistas, incluindo o psicólogo.

Este panorama indica que a escola também está afetada pelo declínio da função paterna, de modo que, em alguns casos, é ela quem pretende cumprir a função que o padre não desempenhou, como por exemplo a separação entre a mãe e o filho, a aplicação da lei através de um limite que restrinja e permita que o desejo volte a se expandir.

Jacques Alain Miller, no texto “Coisas de família no inconsciente” [2008], retoma os desenvolvimentos de Lacan em diferentes momentos do seu ensinamento e afirma que “A família está constituída pelo Nome-do-Pai, o desejo da mãe e os objetos *a*”. A pergunta busca determinar como se realizam essas funções em uma época dominada pelo declínio do Nome-do-Pai e comandada pelos objetos *a*, e o que a família exige da escola.

As transformações da ordem simbólica implicam falar das famílias em plural. Isto nos obriga a levar em conta que as funções familiares, Nome-do-Pai (NP) e Desejo da Mãe (DM), serão encarnadas de diferentes maneiras, que não há correspondência entre as funções paternas e maternas e a condição biológica de pai e mãe.

Diante desta situação que poderia levar à falta do pai, é conveniente recorrer à conceptualização de Lacan, da pluralização do Nome-do-Pai que faz deste uma faceta mais, e buscar encontrar, na família e na escola, aquilo que pode cumprir a função de ligação. Em outras palavras, apesar de já não haver o pai da tradição, há facetas que podem cumprir a função de conexão.

As instituições educativas, a família e o discurso universitário

Piedad Ortega em seu texto “A criança, seus sintomas e a psicanálise” [2013] aborda a criança como sintoma da família e também como sintoma da escola. Se a função da família é a transmissão de um desejo que não seja anônimo, e esse desejo não existe ou essa transmissão falha, a criança se converte em sintoma da família e, igualmente, a criança também pode ser um sintoma para a instituição educativa, pois esta nem sempre é capaz de orientá-la no caminho do desejo que a torna singular. Muitas vezes, os pais e educadores que acompanham o crescimento da criança parecem confundir a independência emocional com a física, o que não contribui à sua inscrição no social. Esta situação está relacionada à posição do estudante como objeto *a mais*, ou seja, como objeto que tem como valor agregado o saber do discurso universitário, comandado pelo saber impessoal, S_2 , no qual se inscreve e que se espera que adquira [Indart, 2009].

As novas realidades das famílias na ordem simbólica atual não deixam de incidir sobre a vida das instituições escolares. As famílias continuam exigindo delas a formação dos seus filhos, mas se antes estas exigências eram pautadas em termos de continuar sua formação, hoje cada vez mais se orientam à sua realização total. É como se os pais de hoje depositassem os filhos nas instituições escolares – uma nova forma de reduzi-los a objetos- e delegassem às escolas a transmissão da herança familiar. A família exige que a escola cumpra com o que eles, como pais, não puderam transmitir; que além da formação acadêmica os forme em valores cívicos e sociais, forme o seu caráter, e que os prepare para competir em um mundo igual para todos.

Esta exigência vem acompanhada de sintomas sociais, que ao parecer aumentaram nos últimos anos, como o “*bullying*” e/ou “violência escolar”, o TDAH, o fracasso escolar, etc., que além de tudo se converteram em uma fonte de segregação. É frequente ouvir crianças e jovens dizer que estão sós (apesar de estar fisicamente acompanhados), que não têm com quem falar sobre o que lhes passa [Ortega, 2013]. Vemo-los esgotados, entediados, cumprindo horários de aulas extracurriculares, sufocados pela exigência acadêmica ou grudados aos aparelhos tecnológicos. Tudo isso os termina deixando sem espaços para realizar brincadeiras livres, sem momentos para a contemplação ou observação da natureza, para desenvolver o gosto pela leitura, pela música ou pela arte, sem opção para invenção.

Cabe ressaltar que as instituições educativas dominadas pelo discurso universitário variaram a sua missão e as modalidades de transmitir o saber. Se tradicionalmente se encarregavam de continuar com os caminhos marcados pelo Nome-do-Pai como lugar de instrução e de elaboração dos ideais sociais, hoje, estão dedicadas a desenvolver competências e a cumprir com as avaliações e os padrões impostos pelos organismos centrais de governo, que tendem à homogeneização dos alunos, apesar de, paradoxalmente, esperar-se que cumpram funções substitutas, maternas e paternas, que já não são desempenhadas no ambiente familiar.

Se a educação atual está enfocada na busca do “sucesso escolar” [Ortega, 2013], é necessário pensar o que é que define a instituição educativa para poder orientar sua função na formação dos sujeitos e a função que deveriam desempenhar os professores nessa formação. Piedad Ortega comenta que alguns pais, quando perguntados sobre o que esperavam da escola, mencionam: desenvolvimento acadêmico, desenvolvimento social, desenvolvimento cívico, desenvolvimento vocacional, formação do caráter, em outras palavras, querem tudo; e adiciona que, diante de tal exigência, o resultado são professores sobrecarregados pela quantidade de trabalho e alunos com problemas de aprendizagem e de conduta. A exigência insatisfeita também pode desencadear reações sutis de desagrado, violência física e verbal contra os diretores escolares e professores, sem mencionar a parte do seu tempo que estes profissionais terão de dedicar para responder os processos legais abertos pelos pais nas instâncias de governo.

Exigir tudo confunde e altera a posição do professor, não só em sua função de transmitir conhecimentos acadêmicos, mas também, de modo ainda mais significativo, como transmissor do seu próprio desejo, que é o que o torna depositário e ao mesmo tempo facilitador da relação transferencial necessária para favorecer no aluno o desejo de saber.

Na atualidade, as instituições educativas dominadas pelas leis de mercado se multiplicaram e, em sua variedade, oferecem diversas opções aos pais ou aos próprios filhos, que agora têm voz e poder de escolha. Na ampla oferta educativa podemos encontrar desde instituições tradicionais que buscam impor a presença de um Nome-do-Pai, sejam religiosas ou civis, ligadas aos grandes ideais do bom, do belo e do verdadeiro, até mesmo aquelas orientadas pelas últimas tecnologias, onde são os objetos *a* os *gadgets* unidos a novas pedagogias, que oferecem um amplo leque de possibilidades. Entretanto, nenhuma delas escapa ao discurso

universitário que, como foi dito, estabelece um mundo igual para todos, e o cumprimento de padrões impostos por organismos governamentais centrais.

Para a psicanálise não se trata do fato de que variedade de pedagogias se multiplicou, mas da transmissão de um desejo que não seja anônimo, neste caso encarnado nos educadores que possam dar conta da sua falta e da possibilidade de abrir espaços para a invenção. Cada um responderá a essa lei da oferta e demanda, mas como afirma o discurso analítico, os efeitos se darão de acordo com a sua singularidade.

A transmissão de um desejo não anônimo é dificultada atualmente quando os pais recusam seu saber inconsciente para favorecer os manuais em voga. Isto implica uma desresponsabilização que esconde o sujeito barrado. Enquanto antes o sujeito se formava de acordo com as crenças que se sustentavam em um ato de fé sem garantias, agora sua formação se dá em função daquilo que adquire deste saber impessoal, S_2 , que se gaba de oferecer garantias.

Um lugar para a psicanálise na interseção entre família e instituições educativas

Um ponto que é necessário ressaltar na relação com a aprendizagem na instituição escolar é que os problemas de aprendizagem da criança ou adolescente desde a perspectiva psicanalítica são diferentes aos relacionados à “adaptação escolar” [Ortega, 2013]. É necessário considerar, em um sujeito que aprende, aspectos como os elementos estruturantes de sua constituição subjetiva, a posição que assume esse sujeito diante da sua própria história, a responsabilidade subjetiva quando fracassa no contexto escolar que pode revelar o encobrimento de um gozo que consente ou não a reprovar. A partir desta perspectiva emanam diferentes intervenções diante do sintoma. As intervenções pedagógicas costumam se orientar a cobrir ou completar algo que falta com apoios extracurriculares, tarefas supervisionadas que podem durar anos, que participam em eternizar um gozo oculto, não só no sujeito criança, mas também no sujeito professor. A psicanálise, por outro lado, busca perfurar o discurso universitário do “igual para todos” e “tudo é possível”, e introduzir a lógica do não-tudo que permite situar a falta em sua relação ao desejo.

Trata-se de pensar que o lugar do professor está ocupado por alguém que pode transmitir mais do que os conteúdos acadêmicos, um saber fazer com sua falta própria. Por outro lado, um

analista em uma instituição escolar busca perfurar os discursos do senhor e da universidade para abrir a possibilidade da divisão subjetiva daqueles que escuta. Seu papel não é obstruir o sujeito mediante a aplicação de provas padronizadas e o diagnóstico mecânico de crianças e adolescentes limitados na toma da palavra e reduzidos a objetos “a” dos outros.

Para a psicanálise a série de sintomas que as crianças e adolescentes manifestam são uma tentativa de responder ao que a cada um encontra impossível de tolerar, e propõe que é possível escutar isto desde um lugar que ofereça à criança uma possibilidade de conexão, através do esporte, das artes, alguma matéria ou outro, onde possa fazer valer sua singularidade. A ética da psicanálise busca dar lugar à singularidade daquele que toma a palavra e chega a envolver-se de maneira subjetiva naquilo que lhe acontece.

Bibliografía

Cocooz, V., La práctica lacaniana en instituciones: otra manera de trabajar con niños y jóvenes. *La práctica lacaniana en instituciones I. Otra manera de trabajar con niños y jóvenes*. Buenos Aires: Grama. 2014, pp. 7-20.

Cocooz, V., *Hacerse su familia*. <http://citaenlasdiagonales.blogspot.com.co/2016/03/hacerse-su-familia-por-vilma-coccoz.html>

Indart, J. C., *El Padre y el Profesor*. CID. Lecciones Inaugurales. Bogotá. 2005, pp. 29-46.

Lacan, J., (1938) Los complejos familiares en la formación del individuo. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, pp. 33-96.

Lacan, J., Notas sobre el niño. *Otros escritos*. Buenos Aires: Paidós. 2012, pp. 393-394.

Miller, J.-A., Cosas de familia en el inconsciente. Revista *Mediodicho* N° 32. Córdoba: Publicación de la Escuela de Orientación Lacaniana-Sección Córdoba. Argentina. 2009, pp. 11-23.

Ortega de Spurrier, P., *El psicoanálisis, la familia y la educación*. Nueva Escuela Lacaniana de México. Publicación *online Variedad*. Septiembre de 2011.

Ortega de Spurrier, P., “El niño, sus síntomas y el psicoanálisis”. Seminario inédito dictado en Ambato. Ecuador. 2013.

Seynhaeve, B., La adolescencia en el siglo del objeto. Cocooz, V. (Comp.) *La práctica lacaniana en instituciones I. Otra manera de trabajar con niños y jóvenes*, Buenos Aires: Grama. 2014, pp. 119-142.

Seynhaeve, B., El padre del cual uno se sirve. Cocooz, Vilma (Comp.) *La práctica lacaniana en instituciones I otra manera de trabajar con niños y jóvenes*, Buenos Aires: Grama. 2014, pp. 143-159.